

Exploding Galaxy - entrevista com Michael Chapman

Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes

Arquiteta e Urbanista, professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Central Paulista, UNICEP, Centro Universitário Central Paulista, UNICEP, Campus Miguel Petroni, Rua Miguel Petroni, 5111, CEP 13563-470, (16) 3362-2111, anacarolinafrlopes@gmail.com

1. Comente sobre o clima artístico de Londres no final dos anos 1960, quando surge o Exploding Galaxy.

A multiplicidade de eventos e histórias que norteiam o surgimento da contracultura na segunda metade da década de 60 tem como ponto focal os acontecimentos de confronto político-cultural conhecidos como maio de 68.

O grupo "Exploding Galaxy" foi constituído pelo artista plástico filipino David Medalla¹, em junho de 1967. Esse novo empreendimento sucedeu o fechamento da galeria londrina Signals, dirigida por ele e seu companheiro Paul Keeler desde 1964. A galeria alcançou renome internacional por seu programa inovador de exposições e pela edição do informativo Signals, que serviu para discutir novas propostas nas artes e na literatura. A publicação foi impressa em formato de jornal, o que emprestou um ar popular à leitura.

O crítico de arte Guy Brett escreve sobre o papel chave da galeria Signals na década de 60:

A galeria Signals foi o principal palco de exposições para a vanguarda internacional. Artistas como Takis, Camargo, Soto, Kenneth e Mary Martin, Li Yuan-chia, Gerhard von Graevenitz e Lygia Clark tiveram a oportunidade de experimentar e fazer exposições em grande escala. [A galeria atraiu um público diverso] que incluía entre artistas e estudantes, também arquitetos, engenheiros, escritores, cientistas, tecnólogos, designers, industriais, médicos, enfermeiros e professores. [...] O perfil da Signals era cosmopolita, experimental e interdisciplinar (BRETT, 1995, p. 49²).

O fechamento da galeria Signals atrapalhou uma exposição planejada por Hélio Oiticica, e de certo modo atrasou a ida do artista para a Europa.

Num depoimento publicado no jornal *Jovem*, de 1970, ele fala sobre a situação:

Essa experiência de Londres nasceu da ideia de uma exposição na Signals, uma galeria de vanguarda dirigida por Paul Keeler, que lançara artistas como Soto, Takis³ e a nossa Lygia Clark, definitivamente no cenário mundial. Acontece que a Signals fechou (o que é bom dura pouco); minhas obras que haviam ido, ficaram guardadas na casa de campo de Guy Brett, crítico do Times; [...] Guy e Keeler estiveram no Brasil em 65, e realmente não fossem eles ninguém me conheceria fora daqui (OITICICA, 1970).

Londres, 29 de abril de 1967

Em 29 de abril de 1967 aconteceu o primeiro grande evento de uma cultura psicodélica em ascensão, intitulado 14 Hour Technicolour Dream⁴. A intenção dos organizadores era levantar fundos para pagar os custos de processos judiciais, resultados de sucessivas investidas da polícia inglesa contra o primeiro grande jornal *Underground*- The Internacional Times, numa campanha orquestrada para fechá-lo, apoiado ainda pela imprensa popular⁵. Além do confisco de uma edição inteira da publicação, houve tentativas por parte das autoridades de proibir conteúdos tachados de subversivos e obscenos.

Realizado no salão e jardins do complexo Alexander Palace⁶, o 14 Hour Technicolour Dream se destacou pela criação de um ambiente até então inédito, torres de luz, e efeitos especiais, brinquedos de um parque

de diversão (Helter Skelter) - e palcos montados dentro de um espaço imenso e sem cadeiras, que permitia ao público circular livremente.

O programa era diversificado, reunindo poetas de vanguarda, dançarinos, esquetes teatrais e Happenings (acontecimentos). Bandas como Pink Floyd, Soft Machine e The Crazy World of Arthur Brown (Arthur desceu sobre o palco agarrado a uma corda balançando acima do público, seu capacete em chamas) compartilharam a noite com outros grupos como a banda The Flies, que incluía figuras andróginas, um feito chocante para a época.

As apresentações ocorreram de forma simultânea, criando uma atmosfera caótica e imprevisível. Estimou-se um público em volta de 5.000 pessoas, agitando dentro do prédio e nos jardins circundantes. O uso da droga alucinógena LSD foi maciço. Personagens como John Lennon circulavam a vontade e o Exploding Galaxy estreou com sua peça "Fuzz Death"⁷.

Yoko Ono encenou uma atividade no meio do público junto com Anthony Cox seu marido⁸. Intitulada - "A pretty girl is like a Manifesto", ou "Cut Piece". Um homem foi convidado a desnudar a modelo Carol Mann que se vestia de freira. Sua roupa foi recortada com a ajuda de uma tesoura, que por sua vez era conectada a um microfone que amplificou o som produzido para o público geral.

O final dos anos 60 foi uma época bastante agitada. Uma parcela da juventude (não muito grande) estava revoltada, em processo de ebulição. O *status quo* da vida era contestado e o espírito de inconformidade se internacionalizou.

A consolidação de uma cultura psicodélica em 1967 implicou em mudanças sociais e políticas. O espírito do movimento foi expresso nos refrões de "Flower power" (o poder das flores) e "Make love not war" (Faça amor em vez de guerra). Essas frases representaram uma visão essencial e radicalmente nova. A crise entre valores britânicos tradicionais e a cultura emergente era evidente.

Posso me lembrar de Yoko Ono (1967) quando o público lançou garrafas de cerveja vazias contra ela durante sua performance dentro do *Electric Garden*, o primeiro clube *Underground* londrino.

Numa outra manifestação da contracultura, Julian Beck, diretor e integrante do grupo teatral norte-americano Living Theatre, era esmurrado no nariz, por um homem do público ao encenar a peça *Paradise Now* dentro do Centro Cultural Roundhouse⁹ em Londres, que o deixou sangrando. Parecia que a distância tradicional que separa o ator do seu público havia quebrado na catarse provocada por uma ação, quando o elenco ao descer do palco tocava os rostos das pessoas do público enquanto cantava "Holy face, holy lips..." (Santa face, lábios santos...)¹⁰.

Figura 1: Michael Chapman
- foto da década de 1970.



O final da década de 60 marcou o surgimento de grupos e organizações com propostas político culturais “alternativas”. Uma das mais notáveis foi o Arts Lab¹¹, situado em Drury Lane, na área central de Londres, criado pelo americano Jim Haynes¹². Foi um dos primeiros espaços multifuncionais, com salas de uso flexíveis (teatro, oficinas, galeria, cinema, restaurante vegetariano). As atividades desenvolvidas eram experimentais e de vanguarda servindo para explorar e apresentar a produção artística nacional e internacional em diversas linguagens. Fiquei impressionado com a apresentação de uma partitura de variações sequenciais de Erik Satie envolvendo uma série de pianos espalhados pela sala de exposições que perdurou a noite inteira.

O Arts Lab funcionava quase que 24 horas por dia, a sala de projeções era forrada com espuma e o público assistia aos filmes sentados e deitados no chão. O centro servia também como base para o “London Filmmakers Coop”, entre outros grupos como “Guerrilla Poets”¹³ organizado por Donald Gardner¹⁴, do qual participei, e para o grupo de vídeo experimental do americano Jack Moore, ele mesmo incansável e cheio de projetos. Lembro quando Jack instalou uma câmera de vídeo¹⁵ numa sala e convidava pessoas que mal se conheciam a se fechar dentro e transar para o público que assistia no lado de fora.

Os filmes e vídeos projetados no cinema eram principalmente produções “não-comerciais”, ou independentes, como “The Longest Most Meaningless Movie in the World” (Anthony Scott), e/ou censurados como a produção do diretor Jack Smith (Flaming Creatures) e Kenneth Anger, (Scorpio Rising).

O Arts Lab foi a semente para a criação de centros de cultura de estrutura semelhante em todo o país.

2. Comente sobre o Exploding Galaxy e as principais atividades do grupo.

O Exploding Galaxy surgiu em Londres em abril de 1967, idealizado pelo artista plástico filipino, David Medalla. O grupo era formado por uma população flutuante de umas quarenta pessoas de diversas nacionalidades e histórias de vida. Entre eles, artistas, poetas, cineastas, dançarinos e atores, e jovens sem experiência maior nas artes.

A figura de David Medalla era exótica e instigante, entendida por Guy Brett da seguinte forma:

Medalla ele mesmo aparece como uma mistura incongruente de homem renascentista e nômade transnacional marginal. Não existe nada forçado nessa imagem. É claramente uma extensão natural de sua convicção de que todo trabalho criativo é dialógico, e cada pessoa é multifacetada. [...] Seu trabalho é em parte uma procura para os meios pelos quais os insights possam resistir à institucionalização e ainda permanecer ativos, capazes de inspirar os outros. Por isso, a efemeridade no seu trabalho tem sido tão frequente, ou tomou forma como proposições. Ele cunhou a frase “propulsões cósmicas” para descrever suas proposições artísticas (BRETT, 1995, p. 14-15).

A visão de David Medalla ao fundar o grupo “Exploding Galaxy” era de criar uma estrutura social criativa, que pudesse interagir com o público sem a mediação das instituições, tomando como modelo o regime estético de sua própria obra. A ideia de Medalla (DROWER, 2008)¹⁶ foi: criar uma metáfora humana em sinergia com o processo de transformação visto nas nuvens de espuma geradas por suas máquinas “cloud canyons”, “oozing out living shapes that formed and reformed”¹⁷. Nas palavras do artista (apud DROWER, 2008, p. 231): “Eu pensei: por que não criar uma situação no qual a dança, poesia, canto, pintura e a escultura poderiam cooperar e penetrar uma na outra, como fizeram nas culturas históricas?” Ele descrevia também como queria quebrar a invisível barreira entre criador e espectador.

O núcleo do “Exploding Galaxy” viveu e trabalhou na casa de Paul Keeler, um prédio de três andares no bairro popular de Dalton no norte de Londres, situado no endereço enigmático de 99, Balls Pond Road¹⁸. À entrada, o primeiro piso formava um porão geral, um espaço para discussões e oficinas. Na cozinha ao lado, sustentado contra a parede, havia um trabalho cinético parcialmente quebrado do artista plástico Jesus Rafael Soto. No cotidiano da casa não existiam regras para onde dormir, nem horário certo para comer. Cada um de nós simplesmente criou ou apropriou seu próprio espaço. Lembro que uma vez e outra as tábuas do chão me serviram de cama.

Não enxergávamos diferença entre a vida e a prática artística. Nossas estantes e armários eram feitos de caixas de madeira, embalagens de frutas encontradas na feira. Os tecidos das cortinas eram mais do que nunca os produtos de explorações transmídia, desenvolvidos pelo grupo nas ruas da cidade ou entre os destroços catados em prédios abandonados. “Fizemos da austeridade uma oportunidade para ser criativos. Estávamos livres da necessidade de ver os objetos limitados aos propósitos originais” (DROWER, 2008, p. 233).

Nossas roupas viravam fantasias e construções exploratórias. “Começamos a ver artigos de vestuário como uma forma de arte em si” (DROWER, op. cit.). Folhas, cestas de vime, formas para bolos e coloridas sedas foram anexados com artefatos plásticos industrializados, e utilizados como suportes metafóricos em eventos espontâneos, montados nas ruas, em prédios públicos ou nos parques londrinos. Para Drower,

A mudança para os parques e espaços abertos era imensamente libertadora. O inesperado engajamento com o espectador era uma possibilidade muito mais dinâmica. O tema dramático mudou de parque em parque e de mês em mês. Todos compartilhavam esta qualidade de engajar a participação imediata do público que passava (DROWER 2008, p. 230).

Fazíamos experimentos de vida e caminhadas coletivas, visando à exploração transmídia de múltiplos aspectos existenciais, seja em casa, nas ruas ou em fábricas abandonadas. O ritmo de nossas atividades foi acompanhado por agitadas discussões¹⁹ que desafiavam a discriminação acadêmica entre a vida e a linguagem, por acreditar que a vida é linguagem. Desenvolvemos projetos para os quais talvez caiba a descrição: *investigação e resignificação dos objetos e comportamentos sociais*. A evolução do grupo foi avaliada por Jill Drower desta forma:

Aquilo que era inicialmente um grupo de dança dramática se apresentando em eventos e nos parques ao redor de Londres, com o tempo virou uma comunidade tentando transformar cada detalhe do cotidiano numa exploração artística. [...] Até a preparação de uma chaleira de chá se tornava uma investigação (DROWER, 2008, p. 233)²⁰.

O *modus operandi* do grupo “Exploding Galaxy” era de examinar e avaliar todos os aspectos da vida, de forma livre e de espontânea vontade das pessoas envolvidas. Aproveitamos palavras obtidas em áreas de conhecimento que à primeira vista não teriam aplicação nas artes visuais.

Um conceito importante foi alcançado com a interpretação e redefinição dos termos antônimos da geologia *quaquaversa*²¹ e *centroclinal*²², que foram redirecionados para identificar e orientar modos opostos de pensar e agir – *quaquaversal*, modos de pensar e agir multifacetados; e *centroclinal*, modos de pensar e agir de forma linear. Víamos o pensamento *quaquaversal* como um pensar mais equilibrado que examina as questões pelos diversos aspectos, enquanto o pensar *centroclinal* representava o sentido oposto, ou seja, um pensar dogmático e estreito.

Esses conceitos eram contextualizados para contemplar todos os atributos do comportamento humano. A formulação de conceitos dentro da “Exploding Galaxy” era instigante, porque eles tiveram influência direta sobre nosso pensamento e as formas de abordar a arte e a vida. Ganhamos não apenas uma linguagem, mas também os subsídios teóricos para defender nosso trabalho. Isso era muito importante, considerando a repressão em geral e a situação financeira precária em que vivíamos.

Um exemplo de uma saída com alguns integrantes do Galaxy e o tipo de repressão a que fomos sujeitos foi relato no livro “Planted”, organizado por Paul Keeler.

Uma abordagem feita na rua pela polícia envolvendo integrantes do Exploding Galaxy²³

Mai 1967 – Depoimento feito por Paul Keeler

“Fitz [Gerry Fitzgerald], Simon [Simon Shirley] e eu [Paul Keeler] retornamos a pé após uma visita a uns amigos em Ladbroke Grove. Era cinco da manhã.... No final da Wigmore Street vimos uma lâmpada piscante, de cor amarela montada sobre um suporte pesado de madeira de forma piramidal [sinal de

alerta]. Paramos um pouco para ver. Eu expliquei que aquilo estava intimamente relacionado com as esculturas do artista grego Takis, que eu exibi na galeria Signals. Ao prosseguirmos a caminhada fomos surpreendidos por um carro policial com 4 agentes dentro que parou ao nosso lado. Um dos policiais perguntou por que estávamos olhando para aquela luz. Ao dar explicações, o agente perguntou se pensávamos em levar o objeto conosco. Eu respondi, claro que não. O carro se afastou e continuamos.

Um pouco adiante avistamos umas caixas grandes cheias de fitas de computador deixadas como lixo em frente a um prédio industrial. Ficamos felizes com a descoberta, pensando que a fita seria um ótimo acessório (attachment) para o drama cinético (Kinetic Drama) que o grupo estava preparando para apresentar naquela noite no clube underground "Electric Garden". Enquanto recolhíamos as fitas, Fitz pulou de alegria dentro de uma caixa ao descobrir que seu tamanho cabia exatamente o corpo de uma pessoa deitada. O objeto era de fato a metáfora de um caixão. Pensando que aquilo poderia ser útil para um trabalho futuro, ficamos lá deliberando como levar a caixa para Balls Pond Road. De repente, escutamos o barulho de um carro acelerado, e vimos dois policiais correndo em nossa direção gritando - "larguem isso!". Ficamos perplexos e imediatamente deixamos os objetos no chão.

Os agentes gritaram o que diabos estávamos fazendo. Ao explicar a situação eles responderam que nos seguiram ao longo da Wigmore Street e que nosso comportamento era suspeito e que estávamos perturbando a ordem. Em seguida nos revistaram e anotaram nosso endereço em 99 Balls Pond Road".

Em outubro de 67 o Galaxy montou o que nós chamávamos de "Kinetic Drama", uma forma de expressão integrando Dança, Teatro, Poesia, Performance e Música, intitulado o "Bird Ballet" (Ballet dos Pássaros). A peça foi encenada por 3 noites no centro cultural Roundhouse em Londres. O enredo se desenvolveu a partir do drama de um espantalho abandonado depois que seu mestre, o fazendeiro, adoeceu e morreu ao atirar e matar uma estranha ave branca que pairava sobre as terras. A produção incluiu vários músicos e bandas de rock, como Soft Machine; Crazy world of Arthur Brown; Graham Bond; Dreamland Express e o Sign of Shiva.

O Bird Ballet antecipou uma tendência de bandas de rock a dramatizar seus shows como no caso do grupo Who com "Tommy" (1969) e o Pink Floyd com "The Wall" (1979).

Não seria fácil separar as "apresentações programadas" do "Exploding Galaxy" dos eventos espontâneos que foram desenvolvidos a partir de nosso modo de viver o cotidiano. As manifestações "não divulgadas" eram frequentemente atos e construções: o resultado da elaboração dialógica de um comportamento social expressado através da exploração do espaço vivencial e seus objetos, interagindo com a sociedade. Esses momentos de criação foram qualificados por David Medalla (apud BRETT, 1995) de *impromptus*²⁴, criativas intervenções com suportes de improviso, feitas nas ruas e feiras, em casa e durante as refeições, mas também dentro de museus e lugares públicos, estações ferroviárias, entre outros. Alguns desses acontecimentos não foram registrados, ou nem chegaram ao conhecimento de outros integrantes do grupo; são lembrados talvez pelas protagonistas e por pessoas que testemunharam os atos ou que deles participaram.

A pista para se entender que esses múltiplos acontecimentos eram mesmo todos atribuíveis ao "Exploding Galaxy" foi dada por Hélio Oiticica, citado pelo poeta Waly Salamão:

[] A casa onde vivem, que pode não ser só aquela mas será a que houver por onde quer que andem, tem esse caráter de um ambiente-recin-total - até a comida, o comer, o vestir, o ambiente em si, mostram que lá com eles a vida e a obra não se podem separar (...) Não há que dizer que suas manifestações nos parques de Londres ou Amsterdã, ou por onde mais andarem, sejam a obra, ou uma forma dela - não seria exato: é que tudo é manifestação, mesmo as omissões do cotidiano, seus atos falhos, ou a fraqueza de se aguentar a vida, talvez porque o sentido comunitário com que se geraram, nisso, empreste a necessária integridade para tal. ... (OITICICA, apud SALAMÃO, 2003, p. 83). (...)

(...) A marginalização desses novos conceitos sobre a arte e a vida no final da década 60 acompanhou reações agressivas por parte da imprensa popular. Jornais de grande circulação como o *News of the World* e *The People* divulgaram

nossas atividades de forma escandalosa. O estilo de vida e atividades na casa do “Exploding Galaxy” não eram apreciados por parte da vizinhança e houve ocasiões em que sofremos ataques físicos e verbais, bem como, a invasão da casa por agentes policiais. Drower (2008, p. 31) comenta a situação: “Nós éramos certamente vistos como uma ameaça pelas autoridades e como resultado recebemos muito a atenção indesejada da polícia. Nesse sentido, os membros do Exploding Galaxy eram ativistas políticos”.

A própria polícia começou a nos perseguir na rua, bastando quaisquer atitudes e comportamento (modos de se vestir e formas de interação) considerado “diferente” ou incompatível com o modelo de comportamento “usual” (maneirista; estereotipado) para que “o braço forte da lei” caísse sobre nosso lado. No entanto, não estávamos completamente isolados na mídia. Recebemos o apoio de jornais como o do crítico de arte do jornal “The Times” Guy Brett, e do “Observer”, que questionou a perseguição de nosso grupo e a crescente marginalização da juventude.

Numa manchete de chamada para um artigo sobre o Exploding Galaxy publicada pelo jornal no domingo 5 de maio de 1968, ou seja, cerca de uma semana antes da eclosão das violentas manifestações em Paris do icônico “maio 68”, lia-se: *“IS IT THE POLICE V THE YOUNG?”*²⁵.

Londres: As constantes investidas contra o Exploding Galaxy criou um clima de angústia entre seus integrantes. Em Novembro de 67, o grupo partiu para uma viagem que, vista em retrospecto, levou a parafernália do movimento psicodélico para o continente europeu.(...)

Apresentávamos em diversos eventos, “La Fenêtre Rose”²⁶ em Paris e no “Flight to Lowlands Paradise” na cidade de Utrecht em Holanda. Na Holanda fomos acolhidos calorosamente pela figura da pessoa de Simon Vinkenoog, grande poeta contemporâneo neerlandês e ícone do paradigma da ruptura cultural a qual o “mundo” estava passando. Ficamos mais um tempo morando e explorando a cidade de Amsterdã.

Retornamos para Londres em janeiro de 68, no entanto, David Medalla (Filipino) encontrou

dificuldades em renovar seu visa e viajou para França numa tentativa de resolver a questão. Ao procurar o Consulado Britânico em Paris, lhe foi solicitado uma série de informações (financeiras) entre outras, sobre a natureza do grupo Exploding Galaxy e do seu envolvimento como líder do grupo. Num segundo momento, David respondeu ao consulado por escrito dizendo (KEELER, 69 p. 93):

*Iniciei o Exploding Galaxy em janeiro de 1967, é um grupo informal de artistas e poetas sem líderes, que compartilham certas ideias em comum... todos os poetas envolvidos (Edward Pope, Michael Chapman, Gerald Fitzgerald e Simon Shirley) são britânicos*²⁷.

A apreensão do visa de Medalla mobilizou tanto amigos como personalidades influentes que organizaram uma comissão para ajudá-lo, repudiando a forma e o tratamento dado ao artista. Foram iniciadas ações articuladas em diversos níveis. Uma carta enviada pela comissão ao jornal “The Times”, contou com a assinatura de Guy Brett (crítico de arte do jornal); Benn Levy (Importante dramaturgo Inglês e membro do parlamento para o “Labour Party” (Partido Socialista); Peter Townsend (Editor da revista Studio International); Jean Clay (Crítico de Arte da revista francesa “Realite”); Kenelm Cox (Artista Plástico e Professor); Dom Sylvester Houedard (Poeta concreto e Monge Beneditino no Prinknash Abbey); Caresse Crosby (Socialista e patrona de artes, criadora do “soutien” entre outras); Jo Tilson (Artista Plástico); Michael Dempsey (Editora da revista New Authors) e Christopher Walker.

De volta a Londres, as ações contra nosso grupo aumentaram. O cúmulo da política de repressão contra o Galaxy ocorreu no dia 16 de janeiro 1968, quando fomos surpreendidos por policiais, interrompendo uma exploração da peça “Orange and Blue” no Group Theatre em Islington.

Munidos com um mandado de busca e apreensão, os agentes estavam acompanhados por cães farejadores e quantias de haxixe que eles “jogaram” e “acharam” nas dependências da instituição. A operação deixou um saldo de quatro integrantes do Exploding Galaxy presos, respondendo na justiça por porte ilegal de drogas.

Cinco dias depois na quinta-feira dia 22 de fevereiro 1968, a polícia metropolitana de Londres invadiu a casa do Exploding Galaxy no seu endereço de 99 Balls Pond Road. A rotina era a mesma, ao entrar no ambiente alvejado, as agentes escolheram suas vítimas e produziram as provas que eles mesmos portavam consigo. Nessa ocasião foram presos 4 integrantes do grupo (Uisce Bo, Gerry Fitzgerald; John Dugger e Christian Ledoux), por posse de haxixe. Uisce Bo ficou na prisão feminina de Hollywood por 10 dias sem fiança antes de ser inocentada pelo juiz.

Nossa situação era grave, David Medalla ainda sem visto de entrada estava isolado em Paris. Houve diversas intervenções junto ao governo (Home Office) feitas por Guy Brett e pelo MP²⁸ Leo Abse (Partido Socialista). O desfecho do caso veio no dia 01 de março de 1968, quando o "Home Office" telefonou para Guy Brett garantindo que não haveria nenhum empecilho contra a emissão de um visa de entrada para Medalla, mostrando surpresa a preocupação do crítico para com o artista; Era véspera do fim de semana e não havia expediente do órgão para preparar o documento. No entanto, o Home Office disse se "Mr Medalla" quisesse vir agora, os aeroportos seriam imediatamente alertados para o fato, que ele poderia chegar já no sábado, lhe oferecendo a possibilidade de adquirir o visto noutra semana em Londres²⁹ (Planted, 1969 p. 94).

As poucas possibilidades de ganhar dinheiro dificultaram nossa capacidade de sobrevivência como grupo. As galerias da época mais se interessavam na arte tradicional, voltada aos objetos e a figura do artista como indivíduo. A invasão de nossa casa e lugares de ensaio pela polícia nos enfraqueceu.

A perseguição do Exploding Galaxy existia em princípio desde sua fundação em abril de 67. Nosso comportamento ao viver e explorar a arte como vida teve suas conseqüências. Atraímos a ira das autoridades e da imprensa popular, foram diversas ações policiais e agressões em público que em determinados casos levaram a injusta prisão de integrantes da nossa comunidade. Somados a lista dessas, as estratégias legais contra a presença de David Medalla no país, são indícios que houve uma conspiração contra o grupo por parte das autoridades.

A gravidade da situação acerca da perseguição do "Exploding Galaxy" e a injusta prisão de seus integrantes foi tema do livro "Planted"³⁰, (KEELER, Paul (org.) 1969), que contextualiza o grupo e suas propostas, e no qual rebatemos as acusações forjadas pela polícia, apresentando também textos e imagens sobre nossas atividades e ideias.

Hélio Oiticica fala sobre esse episódio, reafirmando sua solidariedade com os integrantes do grupo:

[...] tenho um plano para um grande artigo sobre eles; aqui já foram divulgados pelo nosso Nelson Motta numa série maravilhosa de artigos (Nelson conheceu muitos deles e possui o livro de Keeler, Planted, que considero um dos maiores documentos sobre problemas internos e sobre o comportamento dentro dessas experiências de vanguarda, num grupo-comunidade); crises internas, viagens, repressão geral, causaram a dispersão do grupo, principalmente depois do fechamento da casa-comunidade deles (99, Balls Pond Rd), notória e famosa depois de sucessivas batidas policiais; muitos de seus poetas e artistas evoluíram e cresceram depois disso; Fitzgerald, Mike Chapman, Edward Pope, etc.; quando cheguei morei lá e minha experiência londrina foi também uma experiência "galáctica": a construção dessa experiência Whitechapel (os planos já haviam sido feitos aqui) foi um trabalho comunitário, de outro modo não teria saído (OITICICA, 1970).

Para Brett, o legado do "Exploding Galaxy" é presente no trabalho dos seus integrantes:

As ideias que se originam no período do Galaxy, quando uns grupos de pessoas viviam e criavam obras de arte juntas, aqui se tornam focalizadas por estruturas físicas erguidas num espaço público e aberto para qualquer pessoa entrar. Eles simplesmente cresceram e expandiram ao convidar qualquer número de contribuições de qualquer número de pessoas. Para mim são as mais brilhantes obras de arte vanguardista do período na Grã-Bretanha. (BRETT, 1995, p. 90).

A dispersão do grupo "Exploding Galaxy" empurrou seus artistas e poetas "mundo afora". Para mim, o rumo tomado foi a França, para trabalhar na produção de *Acéphale*³¹, um filme proposto por Patrick Deval, jovem diretor de cinema que integrou um grupo de cineastas experimentais conhecido historicamente

como Zanzibar Films. Meu envolvimento com o grupo foi por meio da minha companheira Eve Ridoux, integrante do “Exploding Galaxy” e ex-namorada de Deval. Em Paris ela trabalhou como modelo de revista, cantora e assistente da artista plástica Niki de Saint-Phalle³². Morávamos no apartamento do seu pai que era industrial e um dos financiadores do Partido Comunista Francês.

3. Comente sobre sua participação no Exploding Galaxy³³?

Minha atuação com o grupo Exploding Galaxy e Zanzibar Films³⁴ faz parte de um conjunto de atividades e experiências vividas e desenvolvidas entre 1967 a 1970. Entre estas destaca-se minha participação junto ao grupo de música progressiva *Soft Machine* e a viagem com a banda em 1967, para trabalhar numa discoteca anexa a um festival de cerveja, montado na praia de St.-Aygulf, no Côte D’Azur. O pôster alusivo ao evento o classifica como “la première mondiale d’une ambiance tout à fait Psychédélique” (a estreia mundial de um ambiente totalmente psicodélico). Lá, conheci os artistas Taylor Mead e Ultraviolet, que faziam parte do *Factory* de Andy Warhol. Fomos convidados a participar na peça teatral “Le Desir Attrapé par la Queue”, escrita por Pablo Picasso e montada pelo ativista cultural Jean-Jacques Lebel. Em maio/junho de 1968, estava vivendo entre Londres e Paris. Em Paris participei do grupo Zanzibar Films e colaborei no filme *Acéphale*³⁵ de Patrick Deval junto com outros integrantes do Exploding Galaxy³⁶. Em agosto de 1968, fui indicado para representar a Inglaterra no festival internacional de poesia “Struga Poetry Evenings” do balneário de Struga, na Macedônia, antiga Iugoslávia. Estas últimas atividades eram associadas, em princípio, com a leitura pública dos meus poemas. Eu escrevia meus poemas e os ensaiavam na rua. Fui convidado para apresentá-los em eventos do gênero em diversos lugares ao longo da Inglaterra e em outros países (França, Holanda, Iugoslávia, Índia). O artista plástico filipino David Medalla conhecia meu trabalho e um dia me levou para visitar o Lisson Gallery onde Yoko Ono estava montando sua exposição “Half a Wind”. Lá David me convidou a integrar a comunidade Exploding Galaxy.

Iniciado em 1966, meus primeiros poemas eram toscos no sentido visual e de conteúdo. Escritos à

mão com lápis de cor e giz à óleo, os temas tratados eram existenciais, surgiam a partir da contestação do meu próprio cotidiano.

Este tipo de produção literária se destaca pelo processo de criação e pelas formas de apresentação. Os textos eram construídos no cotidiano com a ajuda de um gravador portátil para registrar a fala e a partir de textos e enredos obtidos de jornais, santinhos escritos em várias línguas, registrados dentro de livros-caixa, que serviam como “suporte de trabalho e agenda”, função similar aos cadernos de Hélio Oiticica.

Entre as capas do livro havia lugar para rascunhos e poemas, folhas de seda coloridas, embalagens de incenso e saquinhos de tabaco entre outros materiais que encontrava pelo caminho, servindo também para anotações de agenda - endereços e compromissos de pessoas que eu conhecia; que pela pouca organização dos mesmos se incorporavam aos poemas. Os poemas eram escritos à mão e desenhados. Textos fortuitos e achados, panfletos e semelhantes achavam seu lugar entremeados com as linhas. Os enredos eram costurados com narrativas próprias, e juntos criavam uma estrutura poética nova. A estrutura linguística era dialógica e livre, adaptada para incluir as falas de diversos personagens. O aspecto visual era dominado pelo uso de canetas coloridas que desenhavam as palavras.

Eu redigia meus poemas com um desprezo ultrajante pelas regras gramaticais da língua inglesa. Uma das formas de obter matéria prima para os conteúdos foi anotar conversas casuais ouvidas na rua ou em bares e restaurantes. Ao sentar nos lugares, sozinho ou com outras pessoas, registrava palavras e pequenos trechos das falas captadas entre o murmúrio do ambiente. Posteriormente trabalhava o sentido do material na criação dos enredos.

Outras fontes temáticas que serviram minha produção foram encontradas em matérias publicadas por jornais (estopim para os poemas “*Child Brides*” (Noivados na infância), e “*You know what its all about I heard Simon shout*”, (Você sabe do que se trata!... eu ouvi Simão gritar).

A escritura do poema servia como roteiro para apresentações públicas com caráter de *Perfor-*

*mance*³⁷. Diversos poemas foram elaborados durante as saídas na rua com o Exploding Galaxy, chamados de *explorações Transmídia*³⁸.

O poema "*Samye-Cundolini Express*", (O trem expresso Samye-Cundolini), foi escrito durante o traslado pela estação ferroviária Euston Station ao retornar de um retiro no templo Budista tibetano Samye-Ling, no interior da Escócia, junto com os integrantes do Exploding Galaxy, David Medalla e John Dugger.

Lembro de uma ocasião quando num bairro de Londres, descobrimos uma fábrica de tintas abandonada³⁹.

Entramos num mundo novo e fantástico, altas salas, janelas quebradas, a geometria do espaço industrial estourado, tintas jogadas pelas paredes, sobre o chão. Antigo maquinário, sujeira e cor, ambientação - sensações nos exaltaram a cada descoberta. Pensamentos e imagens anotados as pressas. Colheita de materiais e objetos. (...)

A leitura dos textos era performática, e como tal, seguia a tradição inglesa da leitura pública de poemas em voz alta, ainda praticada em festivais e rodas de poesia naquele país. Com o tempo, a versão escrita do poema servia mais à função de um roteiro para o ensaio, em vez de um texto destinado à priori para a leitura pessoal.

A interação entre a leitura dos poemas e os integrantes do Exploding Galaxy era performática, coreografados com o uso de indumentárias como no poema "*Battle at the Chinese Embassy*" (Confronto na Embaixada Chinesa)⁴⁰ e/ou encenados espontaneamente como nas poemas "*The Politician*" (O Político) e "*Mechanical Schoolmaster*" (O professor robô). Ocasionalmente lia meus poemas acompanhados pela banda Soft Machine junto com Daevid Allen⁴¹ entre outros poetas sobre a bandeira "Pop & Poetry".

Ao levantar de manhã, se alguém de nós tivéssemos dinheiro começávamos o dia num café de trabalhadores lá perto de casa, comendo porções fartas de batatas fritas com linguiça, enquanto discutíamos os aspectos mais obscuros da arte e da vida. À noite havia outro bar dirigido por imigrantes turcos que serviam deliciosos quitutes de carne. Lá ficávamos toda a noite conversando, brincando,

fumando e dançando (todos nós éramos fumantes da pesada). (...)

As caminhadas na cidade eram feitas espontaneamente com um ou mais integrantes do grupo. Examinávamos a cidade, os comportamentos das pessoas e o meio, brincando e analisando materiais descartados, encenando e inventando pequenas peças e colhendo objetos.

Eu costumava sair cedo da casa Balls Pond Road para caminhar pelas ruas de Londres, apanhando qualquer coisa interessante que achava no caminho. Estes formavam uma mistura de objetos descartados - uma vara de bambu, calota brilhosa, lanterna chinesa, borracha velha, cerca de arame achada na sarjeta, uma batata e algumas ervas. Eu discutia as implicações estéticas e metafóricas destes materiais com as pessoas na rua, ao passo que experimentava, juntava e prendia as coisas até chegar a um objeto novo. Foi assim que criei o *Blongenblattfahrtfanfuerez*, um cajado para marchar, desenhado na revista "Daily Liar".

4. Em 1957, formava-se o grupo Internacional Situacionista, que durou até 1972, composto por diversos artistas e escritores, como Guy Debord (A Sociedade do Espetáculo). O Exploding Galaxy tinha conhecimento dos situacionistas, ou algum tipo de contato?

Não houve contatos diretos com os Situacionistas. O Exploding Galaxy não teve um manifesto de intenções e/ou plano concreto para o rompimento político e cultural da sociedade. Nossa posição era bastante anárquica e politicamente inocente, talvez até ingênuo. No final de 67 inícios 68 morávamos e trabalhávamos em Amsterdã aonde tivemos contatos com diversos grupos (Kabouters, Proবাদia) e pessoas (Jasper Grootfeld, Simon Vinkenoog "Project Sigma").

Viajei bastante pelo mundo desde os 19 anos de idade, e sempre gostei de inventar meios alternativos para explorar as cidades como meio de conhecer bairros e arquiteturas imprevisíveis das quais de outra forma ficariam desconhecidas, abrindo possibilidades de novas vivências, meio de locomoção que as situacionistas chamaram de "derive". Uma técnica era de jogar uma moeda para determinar o caminho.

Na década de 80, conheci o pintor Helmut Sturm e o escultor Lothar Fischer⁴² do grupo SPUR⁴³ quando cursei Artes Visuais no Hochschule der Künste em Berlin. Sturm reclamava que as pinturas que vendia na década 50 para uma mixaria agora alcançavam valores altos, das quais não recebia nada, e que as obras atuais ninguém queria. Meu orientador de mestrado feito na mesma instituição era Shingichi Tajiri que era integrante do grupo Cobra.

5. Como foi a relação dos brasileiros Hélio Oiticica e Lygia Clark com o pessoal do Exploding Galaxy?

Conhecia Hélio Oiticica quando cheguei de volta de uma viagem a Índia em fevereiro de 69. A viagem de navio de Veneza a Índia de alguns integrantes do Galaxy em dezembro de 68⁴⁴ coincidiu com a viagem do Hélio e Torquato Neto de Rio para Londres no cargueiro Aragon no mesmo período. Numa carta endereçada a Guy Brett datado 09 de dezembro e enviado durante a passagem Oiticica fez menção de nossa viagem⁴⁵.

Fui à abertura do *Whitechapel Experience* junto com o Galaxy e lembro-me bem quando tirei os sapatos para seguir uma espécie de trilha que passava por diversas ambientes “penetráveis” e as sensações ao pisar em diversos materiais.

Durante a exposição do Hélio foi publicado um artigo no jornal *Underground International Times*⁴⁶ (IT) escrito por mim, sobre minha viagem à Índia. Coincidentemente, consta na mesma edição, a divulgação da exposição do Hélio pelo crítico de arte Guy Brett⁴⁷.

Hélio Oiticica e Lygia Clark sempre estiveram presentes no pensamento do Galaxy. David Medalla não cansava de falar a respeito dos seus trabalhos. Fiquei muito empolgado ao ouvir sobre as “caixas” do Hélio, que para mim representou a libertação da arte dos padrões tradicionais como objeto visual estático. O ambiente que ele criou no Whitechapel para mim era a concretização de ideias que já pairavam no ar, e quando entrei na galeria olhei ao redor e pensei “É isso!”.

Eu conheci Lygia Clark em Paris em 67/68. Fui visitar seu atelier junto com outros integrantes do Galaxy. Ela era uma pessoa extremamente dinâmica

e simpática, sempre pronta para conversar. Ela mostrou suas obras manipulando redes, sacos e pedras. Lembro em especial um capacete/máscara com espelhos montados, voltados para a abertura dos olhos. E vesti a obra “Eu e Tu”, uma roupa cheia de zíperes, junto com a própria Lygia. Ficamos amigos e comecei a frequentar o atelier onde ela também morava. Lygia gostava de nos receber e conversávamos muito. Mas, ao ler algumas das cartas divulgadas entre Lygia e Hélio, eu entendi que ela teve alguns desencontros com Medalla e Dugger.

(...) Houve semelhanças e influências mútuas entre os trabalhos desenvolvidos no “Exploding Galaxy” e as experiências e trabalhos dos artistas e amigos Hélio Oiticica e Lygia Clark.

Para Oiticica, as formas de viver e criar praticados pelo “Exploding Galaxy” serviram como exemplo vivo do seu conceito de *Crelazer*.

[...] a descoberta do lazer, ou de Crelazer, no núcleo-casa a que chamaria de Barracão - esse será posto em prática [...]. Há, porém, algo bem semelhante, talvez não tanto na formulação mas bem parecido na relação do comportamento, ou do descrédito da “obra” que se entrega o grupo Exploding Galaxy de Londres. A casa onde vivem, que pode não ser só aquela mas será a que houver por onde quer que andem, tem esse caráter de um ambiente-recintotal - até a comida, o comer, o vestir, o ambiente em si, mostram que lá com eles a vida e a obra não se podem separar [...] (OITICICA, 1986, p. 121).

Para o crítico de arte e pesquisador inglês Michael Ashbury:

O conceito do Barracão de Oiticica, um lugar de reunião para o intercâmbio de ideias através da vida comunitária, embora já desenvolvido por ele antes de sua chegada em Londres, ecoou as diversas experiências e a produção criativa do Galaxy, nos campos de arte, teatro, dança e vestimentas⁴⁸. (In. Oiticica in London, 2007 p. 34).

Oiticica fala ainda sobre a organização do “Exploding Galaxy” e sua postura perante o grupo:

Paul Keeler e David Medalla (um grande artista filipino que dirigia a Signals também) organizaram

o grupo "Exploding Galaxy", que em 67, 68 e ainda 69 viria a ser o que de realmente importante havia em Londres; os anos "swinging" estavam no seu auge; o grupo, nos seus anos áureos, foi esnobado e ignorado pelo "establishment" artístico inglês; combatido mesmo; as relações, portanto, entre nós e o "Galaxy" eram mais do que acidentais; sempre houve uma ligação de espírito e uma afinidade mútua; quando cheguei lá, pude ver como adoravam as experiências de Lygia Clark, e pela primeira vez pude sentir que me adoravam, e como havia desenvolvido coisas bem paralelas às nossas, tais como experiências na rua, sensoriais, participação do espectador, etc. (OITICICA, 1970).

Uma das atividades importantes do Exploding Galaxy foi a de investigar materiais descartados nas ruas ou em lugares e prédios abandonados. Os objetos eram analisados e a eles atribuídos funções e significados novos. Em uma carta escrita a Lygia Clark (Londres, 20/6/1969), Hélio Oiticica comenta a estética de detritos achados por ele e Edward Pope⁴⁹ nas ruas de Londres.

Edward trouxe algum lixo para cá, e tem um material, espécie de juta laranja⁵⁰, que disse a ele você adoraria, por isso separei para lhe dar - puxa, como estou louco para voltar ao Rio, pois lá podia catar coisas e levar pra casa, ao passo que aqui tenho que fazer um pouco às escondidas! Ontem eu e Edward nunca vimos tanto lixo genial pelas ruas (in: FIGUEIREDO, 1996. p. 113).

Interessante é um foto que mostra Hélio Oiticica com Mário Pedrosa catando lixo na rua em Londres.

Quando eu estava em Londres encontrava Hélio frequentemente na casa de exílio do Caetano Veloso e Gilberto Gil, mas também fazíamos caminhadas extensas junto com outras integrantes do Galaxy até Putney onde ele morava um tempo, alojado na casa da família de Jill Drower.

Uma das últimas experiências e saídas com Hélio Oiticica foi em agosto de 69 quando tomamos o cogumelo mesalina juntos com outras integrantes do Galaxy e fomos para a rua. O registro alusivo à ocasião está presente no texto Londocumento⁵¹.

Edward Pope teve uma relação intensa com Oiticica e Clark no período quando eu e David Medalla

estávamos em Índia. O caderno de Hélio Oiticica op. cit. contém o rascunha de correspondências de Hélio endereçado a ele. No caso de Lygia, ela escreveu para Hélio que sofria uma crise provocada pela relação com Edward:

Dia 21 de setembro de 1968

Carta escrita por Lygia Clark endereçada a Hélio

Oiticica - Meu caro Hélio ... "Comecei já a trabalhar catando pedras nas ruas, pois dinheiro não há para comprar material! Uso tudo que me cai nas mãos, como sacos vazios de batatas, cebolas, plásticos que envolvem roupas que vem do tintureiro, e ainda luvas de plástico que uso para pintar os cabelos!"... "Aqui estou eu como sempre, pronta a fazer por você tudo o que for possível como sei que farias o mesmo por mim. Conheci dois grandes elementos da Exploding Galaxy: - Miky Chapman e Edward Pope. Ainda não conheci Medalla. Mas conhecendo o seu trabalho como conhece e ainda tudo o que ele pensa, creio que são as três personalidades de maior importância por aqui. "... Continuo sozinha e parece que para sempre [...] Já bati queixo aqui por crise, angústia, mas sempre lúcida para saber que lá batera da mesma maneira e que sou uma pessoa fundamentalmente só e terei que me aguentar sozinha. Estou começando a amarrar coisas e tive muita crise quando conheci o terceiro membro da Exploding que se chama Eduardo (Edward Pope)" misto de homem e bicho. Tudo cheira, prova, lambe e de uma sensibilidade tão aguda que me botou toda de antenas para fora de mim mesma, em relação a sua presença. Me arreventou toda por dentro mas eis-me como sempre me recompondo, me amarrando já de outra maneira com outras aberturas. Fui deflorada na alma mas o corpo continuou virgem. Muito bacana você saber que pode ser jogada nessa altura da vida para o espaço embora caindo na terra abra um terrível rombo e o viva um pouco como um abismo sem fundo. Foi graças a isso tudo que pude recomeçar a trabalhar pois tive uma enorme e profunda necessidade de expressão. [...] Muitos abraços no Raymundo que adoro. [...] "Mil beijos para você, Clark." (FIGUEIREDO, Luciano (Org.) In. Cartas, 1996. p. 36-37).

A última vez que tive contato com Lygia se eu não me engano foi em 1974. Eu queria apresentar ela para minha namorada. Telefonei para Lygia em Paris para combinar um encontro. Ela parecia

muito deprimida e contou que estava trabalhando como secretária. Eu fiquei muito chocado, pois achei um absurdo que uma artista da sua grandeza ainda precisasse trabalhar de “bicos”. Eu tive um problema no dia marcado e o encontro com Lygia não se concretizou.

6. O senhor gostaria de comentar a relação do Exploding Galaxy com outros artistas?

... A estrutura do “Exploding Galaxy” se apresentava como um núcleo estável de pessoas morando na *Balls Pond Road*. Mas houve também uma constelação de pessoas com as quais dialogávamos. Algumas ficaram na casa e/ou participaram em nossas atividades. Visto em retrospecto, algumas dessas pessoas se encontraram no início de suas trajetórias artísticas, como Neil Megson, transformista que virou o personagem Genesis P-Orridge, precursor do movimento *punk* e idealizador do gênero musical *industrial music*; o cineasta Anthony Scott, que produziu o longa-metragem *The longest most meaningless movie in the world*⁵² (O filme mais comprido e sem sentido do mundo, 1970) de 48h de duração, feito de recortes de filmes e clipes publicitários recolhidos nas latas de lixo dos estúdios de edição; o pintor e mais tarde cineasta Derek Jarman (*Jubilee*, 1977, e *Caravaggio*, 1986); o futuro dramaturgo Gerald Thomas, na época com 17 anos; Eduardo Clark, filho de Lygia Clark, Torquato Neto⁵³ e Hélio Oiticica, também ficaram na casa.

... Um momento vivido no interior da casa foi anotado pelo cineasta Derek Jarman:

No Balls Pond Road o Exploding Galaxy está cheio de experimentação. David Medalla pula ao redor como um gênio de olhos esticados, iniciando coisas por aqui e ali. Hoje à noite, Richard e eu gastamos o tempo tentando um exercício de dança que se tornou lentamente caótica na medida em que ficamos cansados (JARMAN, 1993, p. 83).

Ao recordar o “Exploding Galaxy”, Stefan Szczelkun⁵⁴ (2001) caracteriza o grupo e suas atividades:

A Galaxy apresentou uma nova forma de criatividade comunal. Eles tiveram sua própria forma de escrita⁵⁵, fantasias, comida, abrigos, rituais, jogo, obra de arte, poemas, e mais do que tudo, suas performances.

*Eles foram uma obra de arte viva – vida como arte [...] eles criaram uma cultura tribal de imediato, feita sem dinheiro a partir dos detritos materiais da cidade*⁵⁶.

Frequentei a casa de Caetano Veloso e Gilberto Gil e seus familiares em Londres junto com outros membros do Galaxy. Lá moravam ou estavam de visita diversos brasileiros, alguns dos quais não lembro mais os nomes, mas lembro da presença do empresário Guilherme Araujo, das suas lindas mulheres Dede e Sandra Gadelha e do músico Jards Macalé. Fiquei encantado com o cotidiano dos dois músicos que sempre andavam ensaiando e cantando ritmos no violão. Alguém da casa tentou me convencer que eles estavam tão conhecidos em Brasil como os Beatles mundo afora. Eu não acreditei muito nisso, pois a música gravada deles que escutei na casa estava muito distante da “balada” musical londrina da época, focada na música pesada das bandas de rock psicodélicas que estavam em pleno vapor. Os arranjos das canções que ouvi nos discos gravados eram muito orquestrados. Ao falar da minha preferência para as músicas que eles tocavam no violão sem o acompanhamento de uma orquestra, Caetano concordou comigo e reclamou que o gravador (Phillips) insistia na orquestração de suas peças, que este tratamento era dado para artistas latinos e que eles estavam de olho num outro gravador. Eles brincavam muito e eu lembro quando fizeram uma piada a respeito de que alguém deles (acho que foi Oiticica) ganhou o prêmio de melhor sambista do Brasil no programa de Chacrinha. Eles contavam que saíram do Brasil após serem ameaçados de morte pelo regime militar. Um dia Caetano me chamou e mostrou as letras da música “London London” e me pediu para fazer uma revisão do Inglês. Achei o enredo meio “sem sal”, mas sem erros gramáticos. Noutra ocasião Caetano me contou que tinha escrito uma carta para a irmã Maria Bethânia, assim dito, ele me cantou a música “Maria Betânia, send me a letter, to tell me its getting better better better better betania. ...”. Eu sentia a emoção em sua voz e me surpreendeu com a ideia e beleza da canção. Noutra ocasião, estava sozinho com Gil e ele cantou duas músicas em inglês, que eu lembro até hoje. Eram belíssimas e fortes 1. I believe in God e 2. Men of the death squad. Não sei se ele chegou a gravar estas canções. Ao se prepararem para retornar ao Brasil, alguém na casa informou que Jill Drower (Exploding Galaxy) iria se casar com Gerald Thomas

e que eles iriam viajar também para Brasil. Anos depois, encontrei-o Gil repentinamente na praça central (De Dam) em Amsterdã. Ele estava impecável, de terno branco. Conversamos um pouco. Eu não tive nenhum contato com Caetano e Gil depois de me radicar no Brasil no início da década 80.

Eu tive contato com Sérgio Camargo em Paris, uma pessoa jovial e gentil. Eu lembro que uma vez ele me convidou para ler meus poemas em voz alta no seu apartamento na hora do almoço para ele e Aspásia, sua esposa.

7. Qual sua opinião sobre o trabalho de Hélio Oiticica?

Eu tenho uma admiração indiscutível pelo trabalho de Hélio Oiticica, ele foi uma inspiração para mim desde a primeira hora que conheci suas ideias, mesmo antes de ver as obras, e tenho a mesma admiração para a pessoa e obra de Lygia Clark. Para mim os dois artistas representavam uma saída para a obra de arte estática, uma solução para resolver a dualidade - Arte e Vida - para torná-la - Arte é Vida - em prol de uma transformação de comportamento

e convivência entre as pessoas. Eu não sou contra os museus. É que a população, especialmente no interior, não tem acesso as ideias e às obras.

A consagração da arte em valores históricos e monetários (valor do seguro e segurança) em detrimento dos valores que a sustenta, as ideias contidas na obra e sua permanência estética, levam a situações em que o valor do acervo herdado, e incendiado, do Hélio Oiticica no Rio de Janeiro em 2009, foi expresso na mídia em termos de 300 milhões de reais. Em princípio, a questão foi explorada com proveito por Yves Klein quando sancionou a jogada de ouro em pó dentro nas águas do Rio Seine em Paris na década de 50. O comprador da obra recebeu em troca, a transferência de uma "Zone de Sensibilité Picturale Immatérielle" (zona de sensibilidade pictórica imaterial) averbado numa folha de cheque. Klein ritualizou estratégias capitalistas para destacar suas ideias sobre o valor da arte.

Difícilmente surge uma figura como Hélio Oiticica hoje. Ele foi contestador, rabugento e politicamente "altamente" incorreto. Alguns escritos rascunhados em seus cadernos falam por si⁵⁷.

Figura 2: Michael Champam - foto atual. Fonte: Carlos R. M. de Andrade e Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes.



Referências bibliográficas

BRETT, Guy. *Exploding galaxies: the art of David Medalla*. London: Kala Press, 1995.

DROWER, Jill. *The Exploding Galaxy. The Third Text: critical perspectives on contemporary art and culture*. London, v. 22, n. 2, p. 229-236, 2008.

FIGUEIREDO, Luciano (org). *Lygia Clark - Hélio Oiticica: cartas 1964-1974*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

JARMAN, Derek. *Dancing ledge*. New York: The Overlook Press, 1993.

KEELER, Paul et al. (Org.). *Planted: a report of the events leading up to and surrounding the arrest and committal to be tried before a judge and jury of 3 members of the Exploding Galaxy charged with being in possession of dangerous drugs*. London: Stanhope Press, 1969.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

OITICICA, Hélio. Depoimento. *Jovem*. (O Jornal), Rio de Janeiro, 6. mar. 1970.

SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica: Qual é o Parangolé e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SHAFTO, Sally. *Zanzibar: les films Zanzibar et les dandys de Mai 1968/The Zanzibar films and the dandies of May 1968*. Paris: Paris Expérimental, 2007.

<http://www.stefan-szczelkun.org.uk>. Acesso em: 27 de abr. 2010.

Notas

1 David Medalla: *Works in the World - Exploding Galaxy and the Bubble Machine* (CV/Visual Arts Research S.) Celebrated artist David Medalla (b.The Philippines 1942) gives an extensive interview to CvVAR, in which he discusses his advent to the literary and art scenes of Paris and London at a significant point of change in 1960. He recalls his introduction in Paris by Man Ray, Marcel Duchamp, Raymond Duncan and Gaston Bachelard, who admired his original kinetic sculpture, *The Bubble Machine*. Arriving in London in 1963 he joined Paul Keeler to operate Signals Gallery, exhibiting European and South American artists such as Jesus Rafael Soto and Vassilakis Takis, in groundbreaking manifestations. Medalla went on to form the Exploding Galaxy, a seedbed of performance art based in a house at London's Ballspond Road. A protean spirit of wide influence over five decades as a poet and visionary creator, Medalla has continued his extraordinary path. Following a recent show in Berlin Medalla will next be seen in 'Migration' a six month long survey starting in January 2012 at Tate Britain.

2 Todas as citações em inglês são traduzidas por Michael Chapman.

3 Documentário sobre o artista Takis com uma pequena entrevista comigo (mais pelo final) <<http://www.nzonscreen.com/title/takis-unlimited-1969>>

4 14 hrs technicolour dream filmado pelo BBC (1967) <<http://youtu.be/WxtCXYMbMKI>> (I-II-III) Parte III Entrevista c/Michael Chapman e David Medalla <<http://youtu.be/V3Ddidi4z4o>>

5 Os recentes escândalos cercando o grande empresário dos meios de comunicação internacional, o australiano Rupert Murdoch, demonstrou a cooperação antiética entre a imprensa popular e

a polícia, vistas na perseguição de pessoas e grupos incômodos (publicação de material sensacionalista nos jornais) e nas escutas telefônicas não-autorizadas, que levou Murdoch a fechar o jornal *The News of the World*.

6 Alexander Palace é considerado o berço da televisão moderna, aonde foi instalado o primeiro estúdio e torre de transmissão.

7 Fuzz Death (gíria) "Morte da Polícia".

8 Anthony Cox casou com Yoko Ono após resgatar a artista que tinha sido internada em um asilo psiquiátrico no Japão.

9 The Roundhouse: Antigo prédio para trens em forma circular com plataforma giratória, construído em 1847. Desde a metade da década 60 o prédio funciona como centro cultural.

10 **Depoimento:** Jill Drower, *In Oiticica in London - The Whitechapel Experiment - Recollection* p.81. BRETT; FIGUEIREDO. Tate Publishing, 2007. ... Nós fomos comparados ao grupo Living Theatre, mas tendo visto o Exploding Galaxy cara a cara com o Living Theatre uma noite no Roundhouse, é claro que nós não compartilhamos a mesma visão [do mundo]. O Living Theatre teve uma mensagem política clara e forte. Aquela noite eles conversaram sobre Che Guevara nos morros da Bolívia e então cantaram, "Nós não podemos tirar as roupas em público." Isto era repetido novamente: "Nós não podemos tirar as roupas em público." Sem parar, até Michael Chapman do Exploding Galaxy (descrito por Lygia Clark como "La force de la nature") levantou-se do público e cantou, "Sim podemos. Nós podemos tirar as roupas em público." Houve um impasse de alguns minutos. Então Mike tirou suas roupas e girou para o público ao redor. "Veja," ele disse. "Nós podemos tirar nossas roupas em público." Eu assisti com derrisão quando o Living Theatre continuou seu canto original - eles nem sequer foram capazes de improvisar uma resposta.

11 http://en.wikipedia.org/wiki/Arts_Lab

12 Jim Haynes: Diretor do Traverse Theatre, co-fundador do jornal underground *International Times (IT)*, e co-organizador do evento *14 Hours Technicolour Dream*. Autor dos livros: *Workers of the World, Unite and Stop Working! A Reply to Marxism* (Dandelion Editions, Paris, 1978); *Thanks for Coming* (a memoir) (Faber and Faber, 1984); *Traverse Plays* (Penguin Books, London, 1966, includes plays by Marguerite Duras, Heathcote Williams, Saul Bellow, Robert Pinget, Yukio Mishima, Cecil Taylor, Samuel Beckett, George Melly).

13 *Guerrilla Poets*: Grupo de poetas que declamava poemas na rua interagindo com o público.

14 Donald Gardner: poeta e tradutor do poema *Piedra de Sol* de Octavio Paz (Premio Nobel de literatura 1990) York, England: Cosmos Publications, 1969.

15 Sony Portapack PB.

16 Jill Drower: Integrante do Exploding Galaxy, sua família hospedou Hélio Oiticica em Londres (1969). Jill casou com o jovem e futuro dramaturgo Gerald Thomas e veio morar um tempo em Brasil.

17 Trad. Escoando vivas formas que formavam e reformavam.

18 Além de portar o número icônico de 99, o endereço conta com a palavra "balls" a qual em inglês tem duplo sentido como "testículos", bem como, "saco", também usada de forma rude para opinar a respeito de algo considerado "errado, que não presta ou ridículo".

19 As discussões no Exploding Galaxy eram informais, podendo evoluir para temas e ensaios de trabalhos chamados "Explorações". Uma dessas explorações chamou-se de "The Invasion of Ideias" (A invasão de idéias) e "No two Elephants are the Same" (Não Existem dois Elefantes Iguais) e "The Quaquaversal F."

20 DROWER, Jill. *The Exploding Galaxy. The Third Text: critical perspectives on contemporary art and culture*. London, v. 22, n. 2, p. 229-236, 2008.

21 *Quaquaversal*: (Geologia) relacionado com, ou designando a forma rochosa na qual o estrato se dirige para fora em todas as direções a partir de um centro comum (Fonte: Collins English Dictionary).

22 *Centroclinal*: (Geologia) relacionado com, ou designando a forma rochosa na qual o estrato desce para um ponto ou área central. (Fonte: Collins English Dictionary).

23 Traduzido do livro *Planted*, 1969. Appendix 2. Part II - p. 17 - 19.

24 'De repente'; 'Improvisações não premeditadas'.

25 Trad: É a polícia contra os jovens?

26 "Les Nuits Psychédéliques" ou "La Fenêtre Rose", evento acontecido no Palais des Sports em Paris que contou com a cooperação do artista plástico Jean Jaques Lebel e a participação de grupos como Soft Machine, Exploding Galaxy, Spencer Davis e o cantor Cat Stevens etc. O evento foi descrito como o primeiro espetáculo do movimento Hippie na França ("Il est le premier spectacle lié au mouvement hippie en France" (Fonte: Encyclopedie avec Wikipédia no site Voila. Acesso: 23 de jan. 2011).

27 Trad. "the Exploding Galaxy which I initiated in January 1967 is not a group with leaders and such, but is simply an informal gathering of artists and poets who share certain ideas in common. ... the poets involved in the Exploding Galaxy (Edward Pope, Michael Chapman, Gerald Fitzgerald and Simon Shirley) are all British nationals".

28 MP – Sigla dado aos membros eleitos do Parlamento Inglês.

29 Trad. O "Home Office" rang up Guy Brett and said they were surprised he was so worried about David Medalla. Of course he was going to be granted a visa. It was at the end of the week and they said that if Mr Medalla wanted to come immediately the airports would be alerted, and he could come on the Saturday and get his visa in London the following week".

30 KEELER, Paul et al. (Org.). *Planted: a report of the events leading up to and surrounding the arrest and committal to be tried before a judge and jury of 3 members of the Exploding Galaxy charged with being in possession of dangerous drugs*. London: Stanhope Press, 1969.

31 *Acéphale*, França, 1968 ; P&B (56 min), 35mm.

32 Artista francesa; ficou conhecida na década de 60 por suas Nanas, grandes figuras femininas gordas e coloridas, feitas de poliéster. Foi casada com o artista cinético suço Jean Tinguely.

33 Depoimento que serve como "mini-currículo", enviado a pesquisadora Sally Shafto para o livro *Zanzibar Films: Lês Films Zanzibar et les Dandys de Mai 1968 – The Zanzibar Films and the Dandies of May 1968* de Sally Shafto (Bilingüe). Editions Paris Experimental. Paris 2007. 255p. (série: Classiques de L'Avant-Garde.)

"In 1967 I was 19 years old.

Besides my activities as a member of the Exploding Galaxy in London I frequently visited France from 1967 to 1969. I remember helping David Medalla assemble his Cloud Canyon machines at a large exhibition of Kinetic art in Paris

Paris was a center of artistic activity at that time and I would often spend whole days wandering around the city with my tape recorder, paper and pens, inventing poems and 'cutups' that I would later read on the streets and sometimes at the American Center on the Boulevard Raspail. (...)

One day I met Roy Walford (Biosphere I and II.) and his wife casually on the Boulevard St. Michel. Roy was on his way to India to study the physiology of gurus and his wife was doing some research articles about European contemporary poetry. We became friends and she published an article about my poems in the LA Free Press. I also became a friend of the Brazilian artists Lygia Clark, Helio Oiticica and Sergio Camargo and the Brazilian exiled singers Caetano Veloso and Gilberto Gil (Gil is now the Brazilian Minister of Culture). Sergio invited me to read my poems (very performatic) at his Paris flat.

I would sometimes read poems with a British rock group called The Soft Machine and in 1967 I went on a tour to the South of France where we participated in the Picasso play "Le Desir Attrapé Par La Queue", organized by Jean Jaques Lebel, where I got to know Taylor Mead and Ultraviolet (Andy Warhole group). The event was subsequently banned.

The Exploding Galaxy was an ever-changing group of artists that visited, lived and worked together, based in a three-floor house in London's East End. Our lifestyle and activities were not appreciated in the neighborhood and incited by scandalous reports in national newspapers we suffered physical and verbal attacks from the local community and occasional police raids.

Two filmmakers were associated with the Galaxy group at that time, Derik Jarman and Anthony Scott (Scotty), who was working on his film "The Longest Most Meaningless Movie in the World" (48hrs. of film studio trashcan cutoffs). I also became a friend of the American film director Peter Goldman (Wheel of Ashes) who told me he had been one of the first directors to work with the actor Pierre Clementi in his films. I stayed one winter at his farmhouse in Denmark.

I first met Eve Ridoux in 1967 at the Galaxy House in London. She came over from France together with Christian Ledoux. Eve was I think six years older than me, and worked occasionally as a fashion model. She once gave me a French magazine with her photo on the cover. She also told me she had worked or had been invited to work in one of Jean Luc Godards films. Eve was a very beautiful and fiery person and we lived and worked together for about two years. At one time we moved to Paris and lived at her fathers flat. He was a French industrialist who also helped finance the French Communist Party. He was also a friend of Roger Vadims secretary who sometimes came to dinner.

It was Eve who introduced me to the Zanzibar group and to Sylvina Boissonas. I knew very little about the films made by the group at that time but remember that Philippe Garrel was one of the key figures and almost revered by the others. I knew that Eve had previously had a relationship with Patrick Deval, however, he didn't seem to mind about my presence. Eve also mentioned she had worked as an assistant for Nikki de St. Phalle and we were both friends of Laura Mathews, Nikkis daughter.

There was at that time a consensus in respect to the making of *Acephale*, that everyone who participated in the film could also interfere with the content and contribute to the creative process as a kind of 'democratic right', which also extended to the cameraman Michel Fournier, whose filming was highly praised and respected by everyone.

I participated in different moments and situations during the filming of *Acephale*:

* Reciting a poem by Hölderlin in French with little knowledge of the language, in a tone of voice which I imagined was a pair of scissors cutting through cardboard.

* One scene together with Eve Ridoux at Sylvinas flat in Rue Thimonier, Pigalle.

* I invented one of the scenes of the film. An important galaxy activity had always been to search for and investigate discarded

materials found on the streets or in derelict factories. These materials were then given new meanings and functions. I had found some bales of shimmering synthetic silk somewhere in Paris. (Probably in the neighborhood near the Bastille). I was buried under a sandy glade in Fontainebleau Forest outside Paris. In the film I emerge out of the ground like some human grub and crawl over to a tree. A giant cocoon was created by weaving the silk around my body. I was then hung up in the branches from where I chanted a Chinese-like song. (the song was edited out in the final version and replaced by the sound of bees and other sounds).

I remember objecting to one scene of *Acephale*, which involved someone biting off the head of a live chicken. The atmosphere during the making of the film was completely wild and I can recall endless car trips through Paris to rent cameras, process films and compare footage. There were also many meetings at La Coupole and late night film screenings held by Henry Langlois at the French Cinematheque, where *Acephale* was also shown. My relationship with Eve ended shortly after the film was finished.

I returned to the Galaxy house in London and began a poetry workshop at Jim Haynes Arts Lab in Drury Lane. I was also invited to audition for the stage version of the musical 'Hair' (I thought it was terrible). Towards the end of 1968 I was invited to represent England in an International Poetry Event in Struga, Macedonia, Yugoslavia. I travelled to Yugoslavia with another poet friend Edward Pope, who was also from the Galaxy. We arrived in Belgrade the day after the Russians had invaded Czechoslovakia. The Yugoslavian authorities were very apprehensive about being next in line and the Belgrade police arrested me together with the writer Moma Dimic, as we strolled along the Danube at night (they thought we might be planning to blowup bridges). I was almost thrown out of the country when I turned up almost naked and covered with mud at the Gala night of the event to read my official entry, an erotic poem.

I was the official guest of the Yugoslavian government for three weeks. The organizers of the festival paid all my expenses, which included an official interpreter and trips around several provinces to meet the leading Yugoslavian writers. After the festival I discovered I hadn't enough money to return to England. The British Embassy retained my passport and lent me some money to return to London. On the spur of the moment I decided to change trains and go to Paris. I hid in the bathroom during the trip. In Paris I met up with Sylvina and asked her to finance a journey to India, together with David Medalla and his friend John Duggar.

During the filming of *Acephale* I had little contact with Sylvina. I actually found her strange and rather aloof. After returning from Yugoslavia we had more contact and were involved in a couple of ventures together.

Sylvina gave me some money and at the end of '68 I left by boat for a three-month trip to India, together with David, John and another galaxy member Trixie Stapleton. Eve also traveled independently to India and we did meet there on one occasion. In India I had a disagreement with David about money and each of us went our separate ways.

After the Indian journey I returned to Paris and together with Sylvina and some associates, that included the French writer Jean Hallier, we launched an International political satirical magazine called "L'Idiot International". I remember that the sister of one of the directors of the enterprise was the lover of the French president Georges Pompidou and a source of information.

The magazine was quite slick and the general plan was to release simultaneously a French and an English version. The English version tied up with a project of mine to mount a printing factory in London, which would be rented to Unions and left-wing organizations to enable them to publish their newsletters which at that time were subject to indirect censorship pressure by the British Government, which faced by 'uncomfortable subversive material' would process the printing firms and not the authors.

Sylvina financed this venture to the tune of 50,000 English pounds, which was quite a lot of money at that time. However, in Post-May France it was forbidden to transfer French currency out of the country. I can remember Sylvina taking me to her bank (I think she was the owner) and literally giving me the whole amount in cash (no receipts or contracts), which I then stuffed into my haversack and took to London on the boat train. When the British customs officer opened the bag and saw all the money, he gave me a very wry smile and let me pass.

I set up the press in North London together with an exiled Indian newspaper editor Vidya Sagar Anand. A couple of editions of the 'Idiot' were actually released. However, I was still very young and inexperienced at the time and gradually lost control of the venture and eventually went to court to settle the matter.

I left England and lost contact with Sylvina and the members of both the Exploding Galaxy and Zanzibar groups. I did meet Eve once in Paris a couple of years afterwards. She was living with an Australian and had two children, one of whom was born in Bali. She told me she almost died there from an attack of hornets while rowing a boat on a lake. Apparently she was found unconscious and taken to the house of a Balinese medicine man who treated her wounds using traditional curved knife therapy.

Sylvina was a strange person and friends commented that she was ashamed of the money that her family had exploited from the workers. Sometimes I would meet her and we would visit some place or street market. I felt she was attracted to me although we never had any intimate relationship. Once she picked up a ring from a market stall and looking into my eyes asked me if I knew for whom the ring was. I thought it was meant for me.

I was so tired and exhausted in 1970 that I began traveling around Europe on a first class train pass writing poetry on a typewriter. I had very long hair at that time and experienced a lot of discrimination until I had the bright idea of dressing up as an orthodox Jew.

I bought a nice black suit and briefcase and tied my hair up under a hat leaving two curls dangling down at each side. This change of appearance provoked an impressive reaction from people that was a revelation to me, as I suddenly became a much respected citizen and member of society.

It was in this condition that I turned up at an International student film festival in Amsterdam. Without thinking I asked to see the organizer of the event and told him I was representing the London Jewish student filmmaker's community. They were very kind and found me accommodation and a free ticket for the event. During the festival I discarded the farce and ended up marrying one of the film assistants and began living in Holland.

I eventually bought a Houseboat and opened up the first Dutch mixed sauna together with a vegetarian restaurant. I also participated in theatre groups and poetry readings (I read together with Allen Ginsberg in an event at the Roundhouse in London and also later on in Amsterdam (he was then into his chanting phase). In 1971 my son Hopi was born (he is now 34 years old and makes films in Brazil). In 1976 I moved to West Berlin with my Hungarian girlfriend and also bought an old stone house in the mountains near Bretenoux in the South of France.

In 1979 I began my first formal art education at the Berlin (HDK) University (together with the artists who came to form the German Neo-Expressionist movement - Salome - Middendorf - Hödicke, Rainer Fetting etc.). My academic advisor was the self-exiled American sculptor, Shingichi Tajiri.

While in Berlin I worked as an assistant to Ed Kienholz (Barney's Beanery), Cork Marcheschi (electric kinetic sculptures) and Dorothy Ianonne (self-named "Fluxus Woman") I also met and was influenced by Joseph Beuys.

I did a Masters degree in Fine Arts and began living together with The Brazilian artist Karin Lambrecht (special room at the last Biennial

in São Paulo). In 1981 our daughter Yole was born (she recently graduated in Biology, went to London and now works as stage assistant in 'The Phantom of the Opera').

In 1983 I moved to Brazil (Porto Alegre). During the eighties we gave many art workshops and in 1989 after separating from Karin, I began working as a professor at a South Brazilian university teacher-training course.

In 1998, my son Thierry was born. In 2003 I did a doctorate in Production Engineering in the area of Media and knowledge, related to the educational modeling of creative artistic processes. I have recently been working on digital posters related to some of the concepts explored by The Exploding Galaxy in the sixties".

34 Os cineastas do grupo Zanzibar incluíram - Philippe Garrell, Patrick Deval, Jackie Raynal, Sylvina Boissonas, Pierre Clémenti, Serge Bard. (Pierre Clémenti participou no filme "Cabeças Cortadas" (1970) de Glauber Rocha).

35 O 1º 5min. do filme Acéphale esta disponível no sítio YouTube <<http://youtu.be/CWJs2j1QXPg>> (Eu sou a pessoa deitado no chão recitando uma poema de Hölderlin com uma bomba viva sobre minha barriga) O filme foi rodado em 35mm. PB e reeditado em DVD em 2007. Mais informações no sítio <www.re-voir.com>.

36 Integrantes do Exploding Galaxy que trabalharam no filme Acéphale: Michael Chapman, Christian Ledoux, Audrey Vipond e Eve Ridoux.

37 Fui preso duas vezes ao ler meus poemas em público: 1. Por blasfêmia e 2. Por ter ofendido a rainha de Inglaterra.

38 As experiências, registros e achados dessas 'explorações' eram trabalhados por/entre diversas linguagens: poesia, dança dramática, assemblage, vestimenta, filosofia, canto, desenhos, textos, discussões.

39 Caminhada na rua e exploração de uma fábrica de tintas abandonada: registros citados no poema "Shimmering pink ochre-split wall".

40 O poema é baseado num incidente real, uma luta física que ocorreu entre funcionários da embaixada Chinesa em Londres e a polícia metropolitana na rua de frente à embaixada. O conteúdo consiste em frases citadas do "Little Red Book" (pequeno livro vermelho) de Mao Tse Tung intercalados com frases citadas de um protocolo da polícia referente a um processo contra o Exploding Galaxy, ritmado com frases citadas da coluna social de um jornal que solicitava ajuda para pessoas em dificuldades. As frases eram entoadas enquanto varas de papel enroladas e guardadas em baldes foram atirados, um por um, para o público.

41 David Allen, poeta australiano formou a banda Soft Machine.

42 Participaram da - 4th Conference of the Situationist International em Londres.

43 SPUR: grupo aliado com os Situacionistas.

44 Viajaram à Índia: Michael Chapman, David Medalla, John Dugger e Trixie Stapleton.

45 Resumo da carta endereçado a Guy Brett escrito por Hélio Oiticica na língua Inglesa durante sua viagem a Londres em dezembro de 68.

Segunda-feira 09 de dezembro de 1968: Assunto: Hélio se desculpa pelo tom da carta anterior informando a resolução do problema da liberação de dinheiro pelo Itamaraty. - fala com Brett se o dinheiro que possuía seria suficiente para custear seu estágio em Londres - pergunta ainda se será possível parar na casa de Betty Nagelschmidt - ao comentar o esforço de Lygia Clark em

apresentar seu trabalho a Galeria Thielen na Alemanha, ele segue com uma declaração apaixonada sobre a arte e os artistas em geral, sobre o que gosta e não gosta no sistema das artes visuais e afirma com veemência que não é um "artista de carreira". Ele qualifica esta posição ao citar sua futura exposição na Galeria Whitechapel, escrevendo que aquela mostra não seria uma exposição de arte, mas uma "experiência".

Em determinado momento, Oiticica se compara com David Medalla e o Exploding Galaxy compartilhando o sentido de acreditar que a arte é comportamento e vivência em permanente transformação, e por isso, seja inseparável da vida. Lembrando-se de nossa ida para Índia, Hélio propõe que a viagem seja consequência dessa mesma filosofia. (Fonte: Arq. Itaú 02.5.68 p1-202 Resumo p. 27-34).

46 http://www.internationaltimes.it/archive/index.php?year=1969&volume=IT-Volume-1&issue=53&item=IT_1969-03-28_B-IT-Volume-1_Iss-53_007

47 http://www.internationaltimes.it/archive/index.php?year=1969&volume=IT-Volume-1&issue=53&item=IT_1969-03-28_B-IT-Volume-1_Iss-53_009

48 Original: Oiticica's concept of the barracão, a gathering place for the exchange of ideas through communal living, although already developed before his arrival in London, echoed the Galaxy's own experience and diverse creative outputs in the fields of art, theater, dance and dress.

49 Edward Pope: integrante do Exploding Galaxy e grande amigo de Hélio Oiticica e Lygia Clark. No livro "Cartas" (org. Figueiredo, 1996), Lygia Clark descreveu sobre uma crise existencial que passou relacionado à figura de Edward Pope, de um amor que não foi consumado. Em agosto de 1968 eu fui indicado para representar Inglaterra no encontro internacional de poesia "Struga Poetry Evenings", na cidade de Struga, Macedônia, na antiga Iugoslávia. Eu e Edward Pope viajamos juntos para Iugoslávia.

50 Saco descartado, geralmente usado para embalar e transportar cebolas ou batatas para o comércio.

51 Londocumento: OITICICA, Hélio. Aspiro ao grande labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1986 p.123-124. No livro consta Londocumento (Erro de digitação ou de interpretação da letra do manuscrito).

52 A produção era feita de recortes de filmes e cliques publicitários recolhidos nas latas de lixo dos estúdios de edição. Sem roteiro, o filme era uma sequência de imagens repetidas e intercaladas, sobras da montagem de inúmeros ensaios publicitários, sem uma aparente organização lógica dos conteúdos.

53 No caderno de Hélio consta um mapa desenhado a mão mostrando o caminho para chegar a nossa casa em Balls Pond Road (Arq. Itaú 02.5.68 p1-202 p. 67). Há também uma referência ao número de telefone e endereço de Torquato Neto que se hospedou em Balls Pond Road. (Arq. Itaú 02.5.68 p1-202 p. 68).

54 Dr. Stefan Szczelkun: autor, ativista e pesquisador, participou da organização de diversos coletivos de cinema desde a década de 60. Professor do programa de pós-graduação em Cultura Visual da University of Westminster em Londres.

55 Szczelkun se refere à forma de escrito usado por nós na elaboração de "documentos" denominados "Quaquascript" ou "Quaquabet".

56 Disponível em: <<http://www.stefam-szczelkun.org.uk>>. Acesso em: 27 de abr. 2010.

57 Ver caderno Arq. Itaú 02.5.68 p1-202 p. 81-87 "Entrevista". O texto escrito em inglês começa com a declaração inicial em português: "Artistas como Soto e Camargo, etc., devem ser estuprados".